

X ACTAS DO
Congresso
Internacional
**A CERÂMICA MEDIEVAL
NO MEDITERRÂNEO**
SILVES 22 a 27.outubro'12



Coordenação editorial de:

Maria José Gonçalves
Susana Gómez-Martínez

Edição de:

Silves
câmara municipal



**X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO SILVES - MÉRTOLA, AUDITÓRIO DA FISSUL,
22 A 27 DE OUTUBRO DE 2012**
*10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES & MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER
2012*

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES, CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
EM COLABORAÇÃO COM: AIECM2 E CEAUCP
APOIOS: FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

COMITÉ INTERNACIONAL DO AIECM2
PRESIDENTE: SAURO GELICHI
VICE-PRESIDENTE: SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
SECRETÁRIO: JACQUES THIRIOT
TESOUREIRO: HENRI AMOURIC
SECRETÁRIO ADJUNTO: ALESSANDRA MOLINARI

MEMBROS DOS COMITÉS NACIONAIS
FRANÇA: HENRI AMOURIC, JACQUES THIRIOT, LUCY VALLAURI
ITÁLIA: SAURO GELICHI, ALESSANDRA MOLINARI, CARLO VARALDO
MAGHREB: RAHMA EL HRAIKI
MUNDO BIZANTINO: VÉRONIQUE FRANÇOIS, PLANTON PETRIDIS
PORTUGAL: MARIA ALEXANDRA LINO GASPAR, SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
ESPAÑA: ALBERTO GARCIA PORRAS, MANUEL RETUERCE, JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN
PRÓXIMO ORIENTE: ROLAND-PIERRE GAYRAUD

**ACTAS DO X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO. SILVES - MÉRTOLA, 22 A 27 DE
OUTUBRO DE 2012**
*PROCEEDINGS OF 10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES &
MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER 2012*
SILVES, OUTUBRO DE 2015

EDIÇÃO /// PUBLISHER: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES & CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
COORDENAÇÃO EDITORIAL /// EDITOR: MARIA JOSÉ GONÇALVES E SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
DESIGN GRÁFICO /// GRAPHIC DESIGN: RUI MACHADO
IMPRESSÃO /// PRINTING: GRÁFICA COMERCIAL DE LOULÉ

ISBN 978-972-9375-48-4
DEPÓSITO LEGAL /// LEGAL DEPOT ??????
TIRAGEM /// PRINT RUN: 500

INDICE

TEMA: 1 **AS CERÂMICAS NO SEU CONTEXTO** **POTTERY WITHIN ITS CONTEXT**

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO | MARCO LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JACINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO | SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO | ISABEL CRISTINA FERNANDES

1. A CIDADE E O SEU TERRITÓRIO NO GHARB AL-ANDALUS ATRAVÉS DA CERÂMICA 19
ROLAND-PIERRE GAYRAUD | JEAN-CHRISTOPHE TREGLIA
2. LA CÉRAMIQUE D'UNE MAISON OMEYYADE DE FUSTÂT - ISTABL 'ANTAR (LE CAIRE, ÉGYPTE). VAISSELLES DE TABLE, CÉRAMIQUES COMMUNES ET CULINAIRE, JARRES DE STOCKAGE ET AMPHORES DE LA PIÈCE P5 (PREMIÈRE MOITIÉ DU VIII^e S.) 51
VÍCTOR CAÑAVATE CASTEJÓN | SONIA GUTIÉRREZ LLORET
3. CERÂMICA, ESPACIO DOMÉSTICO Y VIDA SOCIAL: EL TEMPRANO AL-ANDALUS EN EL SUDESTE PENINSULAR A LA LUZ DE EL TOLMO DE MINATEDA (HELLÍN, ALBACETE) 56
JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | JOSÉ LUIS HERNANDO GARRIDO | HORTENSIA LARRÉN IZQUIERDO | FERNANDO MIGUEL HERNÁNDEZ | JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN | CARMEN BENÉITEZ GONZÁLEZ
4. NOTAS SOBRE LA CERÂMICA EN LA ICONOGRAFÍA CRISTIANA DEL NORTE PENINSULAR (SS. X-XII) 68
VANESSA FILIPE
5. ISLAMIC POTTERY FROM THE ÉVORA MUNICIPAL MUSEUM 84
MARCELLA GIORGIO
6. CERAMICS AND SOCIETY IN PISA IN MIDDLE AGES 93
MÁRIO VARELA GOMES | ROSA VARELA GOMES
7. A CERÂMICA E O SAGRADO, NO RIBÂT DA ARRIFANA (ALJEZUR, PORTUGAL) (SÉC. XII) 106
FRANCESCO M. P. CARRERA | BEATRICE FATIGHENTI | CATERINA TOSCANI
8. LE CERAMICHE E LE ATTIVITÀ PRODUTTIVE. RECENTI ACQUISIZIONI DA UN QUARTIERE ARTIGIANALE DI CHINZICA (PI) 114
VESNA BIKIĆ
9. CONTEXT, CHARACTER AND TYPOLOGY OF POTTERY FROM THE ELEVENTH AND TWELFTH CENTURY DANUBE FORTRESSES: CASE STUDIES FROM MORAVA AND BRANIČEVO 125
VALENTINA VEZZOLI
10. THE AREA OF BUSTAN NASSIF (BAALBEK) BETWEEN THE 12TH AND THE EARLY 15TH CENT.: THE CERAMIC EVIDENCE 133
ELENA SALINAS
11. USO Y CONSUMO DE LA CERÂMICA ALMOHADE EN CÓRDOBA (ESPAÑA) 139
MARCELLO ROTILI
12. ASPETTI DELLA PRODUZIONE IN CAMPANIA NEL BASSO MEDIOEVO 148
ALESSANDRA MOLINARI | VALERIA BEOLCHINI | ILARIA DE LUCA | CHIARA DE SANTIS
EMANUELA FRESI | LAURA ORLANDI | GIORGIO RASCAGLIA | MARCO RICCI | JACOPO RUSSO
13. STILI DI VITA, PRODUZIONI E SCAMBI: LA CITTÀ DI ROMA A CONFRONTO CON ALTRI SITI DEL LAZIO. SECOLI IX-XV 158
SILVINA SILVÉRIO | ELISABETE BARRADAS
14. A CERÂMICA MEDIEVAL E TARDO-MEDIEVAL NA BEIRA INTERIOR: MATERIAIS PROVENIENTES DOS CASTELOS DE CASTELO NOVO E PENAMACOR (SÉCS. XII – XVI) 180
ISABEL MARIA FERNANDES
15. A CERÂMICA E SEU USO EM PORTUGAL, A PARTIR DE POSTURAS, TAXAS E REGIMENTOS DE OLEIROS (SÉC. XII A XVIII): A ANÁLISE DE ALGUMAS PEÇAS 188
MARGHERITA FERRI | CECILIA MOINE | LARA SABBIONESI
16. THE SOUND OF SILENCE. SCRATCHED MARKS ON LATE MEDIEVAL AND EARLY MODERN POTTERY FROM NUNNERIES: PRACTICE AND SIGNIFICANCE 203

	HENRI AMOURIC LUCY VALLAURI	
17.	LA VIE DE CHÂTEAU D'UN VAISSELIER : ROQUEVAIRE PRÈS MARSEILLE, 1593	215
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
18.	RECIPIENTES DE MEDIDAS DA CIDADE DE LISBOA	229
	ANDREIA AREZES	
19.	FORMAS CERÂMICAS E SEU SIGNIFICADO SIMBÓLICO NA ALTA IDADE MÉDIA	236
	VICTORIA AMORÓS RUIZ	
20.	LA ESTRATIGRAFÍA COMO HERRAMIENTA	242
	CRISTINA CAMACHO CRUZ	
21.	CANDILES DE PIQUERA. USO Y MORFOLOGÍA EN LA CÓRDOBA DEL SIGLO X	248
	SARA ALMEIDA ALEXANDRE VALINHO JOÃO NUNO MARQUES	
22.	CONJUNTO MEDIEVAL CERÂMICO NO CONTEXTO DA LINHA DE MURALHA DE CACELA VELHA (PORTUGAL)	253
	SILVINA SILVÉRIO ELISABETE BARRADAS	
23.	OCUPAÇÃO ISLÂMICA NA VERTENTE SUDOESTE DA VÁRZEA DE ALJEZUR – O SÍTIO DA BARRADA E A ENVOLVENTE DA IGREJA MATRIZ DE N. SRA. DA ALVA	257
	MARIA JOÃO DE SOUSA	
24.	UMA HABITAÇÃO DO SÉCULO XI/XII SOB A MURALHA DO CASTELO DOS MOUROS DE SINTRA – EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DE UM CONTEXTO DOMÉSTICO	262
	MANUEL JESÚS LINARES LOSA	
25.	UN NUEVO LOTE CERÁMICO DEL POBLADO FORTIFICADO MEDIEVAL DE “EL CASTILLEJO” (LOS GUÁJARES, GRANADA). LA CASA 7	266
	MARIA INÊS RAIMUNDO VANESSA DIAS	
26.	AL-MADAN E O SEU CONTEXTO NA PENÍNSULA IBÉRICA	271
	VANESSA FILIPE CLEMENTINO AMARO	
27.	CASTLE OF TORRES VEDRAS. ARCHAEOLOGICAL PERSPECTIVES ON A MEDIEVAL CONTEXT	275
	ALBERTO GARCÍA PORRAS MANUEL JESÚS LINARES LOSA MOISÉS ALONSO VALLADARES LAURA MARTÍN RAMOS	
28.	DE CASTILLO FRONTERIZO NAZARÍ A FORTALEZA CASTELLANA. LOS MATERIALES CERÁMICOS DEL ENTORNO DE LA TORRE DEL HOMENAJE DEL CASTILLO DE MOCLÍN (GRANADA)	279
	PILAR LAFUENTE IBÁÑEZ	
29.	CERÁMICA MUDÉJAR SEVILLANA HALLADA EN LA EXCAVACIÓN DEL SOLAR Nº 16 DE LA CALLE CERVANTES DE CORIA DEL RÍO (SEVILLA, ESPAÑA). LOS MATERIALES DEL POZO B	285
	SARA ALMEIDA SUSANA TEMUDO	
30.	CERÂMICA DO SÉCULO XIII, NO CONTEXTO DO BAIRRO JUDAICO DE COIMBRA (PORTUGAL)	291
	TÂNIA MANUEL CASIMIRO TELMO SILVA DÁRIO NEVES CAROLINA SANTOS*	
31.	CERÂMICAS MEDIEVAIS DA RUA DA CORREDOURA (ÉVORA)	298
	ALBERTO LÓPEZ MULLOR	
32.	LA CERÁMICA DEL MAS MONTGRÒS, EL BRULL (BARCELONA), SIGLOS XI-XV	303
	ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA MANUELA C. S. RIBEIRO	
33.	CERÂMICAS MEDIEVAIS (SÉCS. IX-XII) DO CASTELO DE AROUCA (N. PORTUGAL)	310
	M. CARMEN RIU DE MARTÍN	
34.	LADRILLEROS BARCELONESES DE LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XV	318
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
35.	CERÂMICAS PINTADAS A BRANCO DO SÉCULO XV/XVI ENCONTRADAS NO CASTELO DE S. JORGE, LISBOA, PORTUGAL	326
	LUÍS SERRÃO GIL	
36.	ENTRE TACHOS E PANELAS: CERÂMICA MEDIEVAL DO SILO DO CASTELO DE PORTO DE MÓS	333

- MARIA RAFFAELLA CATALDO
37. CERAMICA RIVESTITA DAL CASTELLO DI CIRCELLO (BENEVENTO) 340
- GONÇALO LOPES | JOSÉ RUI SANTOS
38. CERÂMICAS ISLÂMICAS DA NATATIO DAS TERMAS ROMANAS DE ÉVORA 346
- MARIA JOSÉ GONÇALVES
39. CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS UTENSÍLIOS DO QUOTIDIANO DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: A CERÂMICA DECORADA A VERDE E MANGANÊS 353

TEMA: 2

CERÂMICA E ALIMENTAÇÃO

POTTERY AND FOOD

- JOANITA VROOM
40. THE ARCHAEOLOGY OF CONSUMPTION IN THE EASTERN MEDITERRANEAN: A CERAMIC PERSPECTIVE 359
- F. CANTINI | S. G. BUONINCONTRI | B. FATIGHENTI
41. CERAMICA E ALIMENTAZIONE NEL MEDIO VALDARNO INFERIORE MEDIEVALE: IL CASO DI SAN GENESIO (SAN MINIATO-PI) 368
- JAQUELINA COVANEIRO | SANDRA CAVACO
42. ENTRE TACHOS E PANELAS: A EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE COZINHA (TAVIRA) 377
- JUAN ZOZAYA
43. CACHARROS, FUEGOS, COMIDAS, SERVICIOS, ESCRITURAS... 387
- TÂNIA MANUEL CASIMIRO | LUÍS DE BARROS
44. DE QUEM SÃO ESTAS OLLAS? COMER, BEBER, ARMAZENAR EM ALMADA NO SÉCULO XIII 392

TEMA: 3

O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO

THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC

- ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA | PEDRO PEREIRA | TERESA P. CARVALHO
45. CONJUNTOS CERÂMICOS DO CASTELO DE CRESTUMA (VILA NOVA DE GAIA, N. PORTUGAL). PRIMEIROS ELEMENTOS PARA UMA SEQUÊNCIA LONGA (SÉCS. IV-XI) 401
- JORGE DE JUAN ARES | YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ | MARÍA DEL CRISTO GONZÁLEZ MARRERO | MIGUEL ÁNGEL HERVÁS HERRERA | JORGE ONRUBIA PINTADO
46. OBJETOS PARA UN ESPACIO Y UN TIEMPO DE FRONTERA: EL MATERIAL CERÁMICO DE FUM ASACA EN SBUYA, PROVINCIA DE SIDI IFNI, MARRUECOS (SS. XV-XVI) 420
- HUGO BLAKE | MICHAEL J. HUGHES
47. THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC ARCHAOMETRICAL RESEARCH ON THE PROVENANCE OF 'MEDITERRANEAN MAIOLICA' AND ITALIAN POTTERY FOUND IN GREAT BRITAIN 432
- HENRI AMOURIC | GUERGANA GUIONOVA | LUCY VALLAURI
48. CÉRAMIQUES AUX ÎLLES D'AMÉRIQUE. LA PART DE LA MÉDITERRANÉE (XVIIIE-XIXE S.) 440
- RODRIGO BANHA DA SILVA | ADRIAAN DE MAN
49. PALÁCIO DOS CONDES DE PENAFIEL: A SIGNIFICANT LATE ANTIQUE CONTEXT FROM LISBON 455
- MARCO LIBERATO | HELENA SANTOS
50. CIRCULAÇÃO DE MATERIAIS SETENTRIONAIS NA SANTARÉM MEDIEVAL 461
- MIGUEL BUSTO ZAPICO | JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | ROGELIO ESTRADA GARCÍA
51. LAS LOZAS DE LA CASA CARBAJAL SOLÍS, PUNTO DE ENCUENTRO ENTRE EL MEDITERRÂNEO Y EL NORTE DE EUROPA 466
- ARMANDO SABROSA† | INÊS PINTO COELHO | JACINTA BUGALHÃO
52. AS PORCELANAS DA SÉ DA CIDADE VELHA, ILHA DE SANTIAGO, CABO VERDE 473

TEMA: 4
EVOLUÇÃO E TRANSFERÊNCIA DAS TÉCNICAS
EVOLUTION AND TRANSFER OF TECHNIQUES

- JOAN NEGRE PÉREZ
53. PRODUCCIONES CERÁMICAS EN EL DISTRITO DE ȚURȚUȘA ENTRE LA ANTIGÜEDAD TARDÍA Y EL MUNDO ISLÁMICO (SIGLOS VI-XII) 483
- KONSTANTINOS T. RAPTIS
54. BRICK AND TILE PRODUCING WORKSHOPS IN THE OUTSKIRTS OF THESSALONIKI FROM FIFTH TO FIFTEENTH CENTURY: A STUDY OF THE FIRING TECHNOLOGY THAT HAS BEEN DIACHRONICALLY APPLIED IN THE CERAMIC WORKSHOPS OF A LARGE BYZANTINE URBAN CENTER 493
- LÍDIA FERNANDES | JOÃO COROADO | MARCO CALADO | CHIARA COSTANTINO
55. OCUPAÇÃO MEDIEVAL ISLÂMICA NO MUSEU DE LISBOA -TEATRO ROMANO DE LISBOA: O CASO DO APROVEITAMENTO DO *POST SCAENIUM* NO DECURSO DO SÉCULO XII 509
- ROSALIND A WADE HADDON
56. WHAT WAS COOKING IN ALEPPO IN THE TWELFTH AND THIRTEENTH CENTURIES? 519
- IBRAHIM SHADDOUD
57. PRODUCTION DE POTERIE CHEZ LES NIZARITES DE SYRIE : L'ATELIER DE MASSYAF (MILIEU XII^e-PREMIER TIERS DU XIV^e SIÈCLE) 525
- SERGIO ESCRIBANO-RUIZ | JOSE LUIS SOLAUN BUSTINZA
58. LA INTRODUCCIÓN Y NORMALIZACIÓN DE LA CERÁMICA VIDRIADA EN EL CANTÁBRICO ORIENTAL A LA LUZ DEL REGISTRO CERÁMICO DE VITORIA-GASTEIZ (SIGLOS XII-XV) 534
- JAUME COLL CONESA | JOSEP PÉREZ CAMPS | MARTA CAROSCIO | JUDIT MOLERA
TRINITAT PRADELL | GLÓRIA MOLINA
59. ARQUEOLOGÍA, ARQUEOMETRÍA Y CADENAS OPERATIVAS DE LA CERÁMICA DE MANISES LOCALIZADA EN EL SOLAR FÁBRICAS Nº 1 (BARRI D'OBRADORS, MANISES, CAMPAÑA 2011) 549
- JACQUES THIRIOT | DAVID OLLIVIER | VÉRONIQUE RINALDUCCI
60. FOUILLER LES ENCYCLOPÉDISTES : TRANSFERT DE MODÈLES AUX ANTILLES FRANÇAISES 560
- ELENA SALINAS | JUAN ZOZAYA
61. PECHINA: EL ANTECEDENTE DE LAS CERÁMICAS VIDRIADAS ISLÁMICAS EN AL-ANDALUS 573
- GUERGANA GUIONOVA | ROCCO RANTE
62. APERÇU SUR LA PRODUCTION DES ATELIERS DE PAYKEND, OASIS DE BUKHARA, OUZBÉKISTAN 577
- KRINO P. KONSTANTINIDOU | KONSTANTINOS T. RAPTIS
63. ARCHAEOLOGICAL EVIDENCE OF AN ELEVENTH-CENTURY KILN WITH RODS IN THESSALONIKI 589
- LAURA APARICIO SÁNCHEZ
64. EL ALFAR CORDOBÉS DE OLLERÍAS Y SUS PRODUCCIONES (SIGLOS XII-XIII) 596
- SERGEY BOCHAROV | ANDREY MASLOWSKIY
65. THE EASTERN CRIMEAN CENTERS OF GLAZE POTTERY PRODUCTION IN 13TH AND 14TH CENTURIES 604
- JAUME COLL CONESA | CLODOALDO ROLDÁN GARCÍA
66. COMPOSICIÓN DEL PIGMENTO DE COBALTO Y CRONOLOGÍA DE LA AZULEJERÍA MEDIEVAL DE MANISES (VALENCIA) CONSERVADA EN EL MUSEO NACIONAL DE CERÁMICA 608
- JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | CLAUDIO CAPELLI | ROBERTA DI FEBO
MARISOL MADRID I FERNÁNDEZ | ROBERTA DI FEBO | JAUME BUXEDA I GARRIGÓS
67. IMITACIONES DE CERÁMICAS À TACHES NOIRES EN BARCELONA EN EL S. XVIII. DATOS ARQUEOLÓGICOS Y ARQUEOMÉTRICOS 613
- ANNA RIDOVICS | BERNADETT BAJNÓCZI | GÉZA NAGY | MÁRIA TÓTH
68. THE TRANSFER OF THE TIN-GLAZED FAIENCE TECHNOLOGY BY HUTTERITE ANABAPTISTS TO EAST-CENTRAL EUROPE DURING 16TH AND 17TH CENTURIES 619

TEMA: 5

CERÂMICA E COMÉRCIO

CERAMICS AND TRADING

YASEMIN BAGCI VROOM

69. A NEW LOOK ON MEDIEVAL CERAMICS FROM THE OLD GÖZLÜKULE EXCAVATIONS: A PRELIMINARY PRESENTATION 627

EVELINA TODOROVA

70. POLICY AND TRADE IN THE NORTHERN PERIPHERY OF THE EASTERN MEDITERRANEAN: AMPHORA EVIDENCE FROM PRESENT-DAY BULGARIA (7TH-14TH CENTURIES) 637

ISABEL CRISTINA FERNANDES | CLAIRE DÉLÉRY | SUSANA GÓMEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO
MARCÓ LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JÁCINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO
SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO

71. O COMÉRCIO DA CORDA SECA NO GHARB AL-ANDALUS 649

CLAUDIO FILIPPO MANGIARACINA

72. LA SICILIA ISLAMICA: PRODUZIONE, CIRCOLAZIONE E CONSUMO DI CERAMICA (IX-PIENO XI SECOLO) 667

GUERGANA GUIONOVA

73. CÉRAMIQUE D'IMPORTATION DU XIVE AU XVIIIE S. EN BULGARIE 681

INÉS M^ª CENTENO CEA | ÁNGEL L. PALOMINO LÁZARO | MANUEL MORATINOS GARCÍA
M^ª J. NEGREDO GARCÍA | J.E. SANTAMARÍA GONZÁLEZ

74. CERÂMICA DE COCINA RUGOSA DE PASTAS CLARAS/CAMPURRIANA VERSUS CERÂMICA GRANÍTICA/ZAMORANA. PATRONES DE DISTRIBUCIÓN Y EXPANSIÓN EN ÉPOCA BAJOMEDIEVAL Y EN LA TRANSICIÓN A LA EDAD MODERNA EN EL NORTE DE CASTILLA Y LEÓN 692

VASSILEIOS D. KOROSIS

75. CONSUMPTION AND IMPORTATION OF CERAMICS IN A FAIRLY UNKNOWN SITE OF LATE ROMAN GREECE. A CASE STUDY FROM MEGARA, ATTICA, GREECE 701

NATALIA GUINKUT | VICTOR LEBEDINSKI | JULIA PRONINA

76. MEDIEVAL AMPHORAE FROM SHIPWRECKS NEAR CHERSONES TAURICA 707

VICTOR FILIPE | MARCO CALADO | SANDRA GUERRA | ANTÓNIO VALONGO
JOÃO LEÓNIDAS | ROMÃO RAMOS | MARGARIDA ROCHA | JACINTA COSTA | NATALIA GINKUT

77. A CERÂMICA DE IMPORTAÇÃO NO ARRABALDE OCIDENTAL DE LUXBUNA (LISBOA). DADOS PRELIMINARES DA INTERVENÇÃO REALIZADA NO HOTEL DE SANTA JUSTA 711

SYLVIE YONA WAKSMAN

78. LATE MEDIEVAL POTTERY PRODUCTION IN SOUTH WESTERN CRIMEA: LABORATORY INVESTIGATIONS OF CERAMICS FROM CEMBALO (REGION OF SEBASTOPOL / CHERSONESOS)* 719

RAFFAELLA CARTA

79. LA CERAMICA ITALIANA INDICATORE DEL COMMERCIO TRA IL MEDITERRANEO OCCIDENTALE E L'ATLANTICO (SECOLI XV-XVII) 724

JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | NÚRIA MIRÓ I ALAIX

80. BARCELONA Y EL COMERCIO INTERIOR DE CERÂMICA EN EL SIGLO XVII Y PRINCIPIOS DEL XVIII: VILAFRANCA DEL PENEDÉS (BARCELONA), TERUEL, VILLAFELICHE Y MUEL (ZARAGOZA), VALENCIA, TALAVERA DE LA REINA (TOLEDO), SEVILLA Y PORTUGAL 729

TEMA: 6

NOVAS DESCOBERTAS

NEW DISCOVERIES

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

81. MEDIEVAL POTTERY FROM THE FORUM OF AEMINIUM (COIMBRA, PORTUGAL) : A PROPOSAL OF CHRONO-TYOLOGICAL EVOLUTION 739

	ABDALLAH FILI	
82.	LE DÉCOR DE LA CÉRAMIQUE DE FÈS À L'ÉPOQUE MÉRINIDE, TYPOLOGIE ET STATISTIQUES	750
	SOPHIE GILOTTE YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ JORGE DE JUAN ARES	
83.	UN AJUAR DE ÉPOCA ALMORÁVIDE PROCEDENTE DE ALBALAT (CÁCERES, EXTREMADURA)	763
	MARCO LIBERATO	
84.	A PINTURA A BRANCO NA SANTARÉM MEDIEVAL. SÉCULOS XI A XVI	777
	THIERRY JULLIEN MOHAMED KBIRI ALAOU VIRGINIE BRIDOUX ABDELFATTAH ICHKHAKH EMELINE GRISONI CÉLINE BRUN SÉVERINE LECLERCQ HICHAM HASSINI HALIMA NAJI	
85.	LES CÉRAMIQUES MÉRINIDES DE KOUASS (ASILAH-BRIECH, MAROC)	792
	ELVANA METALLA	
86.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE EN ALBANIE : RELATIONS ENTRE LES PRODUCTIONS BYZANTINES ET ITALIENNES	807
	ANDRÉ TEIXEIRA AZZEDDINE KARRA PATRÍCIA CARVALHO	
87.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE D'AZEMMOUR (MAROC) : DONNÉES PRÉLIMINAIRES SUR DES VESTIGES DE PRODUCTION POTIÈRE	819
	EBRU FATMA FINDIK	
88.	MEDIEVAL GLAZED CERAMICS FROM MYRA AND NEW RESULTS	831
	SERGEY BOCHAROV ANDREY MASLOWSKIY AIRAT SITDIKOV	
89.	THE KASHI POTTERY IN THE WESTERN REGIONS OF GOLDEN HORDE	840
	ÉLVIO DUARTE MARTINS SOUSA FERNANDO CASTRO	
90.	NOVOS DADOS QUÍMICOS DE FORMAS DE PÃO-DE AÇÚCAR PRODUZIDAS EM PORTUGAL: SÉCULOS XV A XVI	846
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
91.	CERÂMICAS COMUNS DA ANTIGUIDADE TARDIA PROVENIENTES DO CLAUSTRO DA SÉ DE LISBOA – PORTUGAL	851
	M ^ª TERESA XIMÉNEZ DE EMBÚN SÁNCHEZ	
92.	TIPOS Y CONTEXTOS CERÁMICOS EN EL YACIMIENTO EMIRAL DEL CABEZO PARDO (SAN ISIDRO, ALICANTE). UNA BREVE REFLEXIÓN SOBRE LA CULTURA MATERIAL EN EL SE PENINSULAR	861
	CRISTINA GONZALEZ	
93.	QUINTA DA GRANJA 1: CERÂMICA EMIRAL DE UM POVOADO DA ÉSTREMADURA	866
	DÉBORA MARCELA KISS	
94.	LA CERÁMICA DEL TOSSAL DEL MORO (BENILLOBA, ALACANT). PRIMEROS RESULTADOS DEL ESTUDIO DE LOS FONDOS DEPOSITADOS EN EL CENTRE D'ESTUDIS CONTESTANS	875
	CRISTINA GARCIA PATRÍCIA DORES CATARINA OLIVEIRA MIGUEL GODINHO	
95.	TIPOLOGIA E FUNCIONALIDADE NAS CERÂMICAS DA CASA I DO BAIRRO ISLÂMICO DO POÇO ANTIGO EM CACELA-A-VELHA	882
	MANUEL RETUERCE VELASCO MANUEL MELERO SERRANO	
96.	AZULEJOS ALMOHADES VIDRIADOS A MOLDE DE CALATRAVA LA VIEJA (1195-1212)	887
	ANA CRISTINA RAMOS MIGUEL SERRA	
97.	NOVOS DADOS SOBRE HALQAL-ZAWIYA (LAGOS, PORTUGAL)	893
	KAREN ÁLVARO M. DOLORES LÓPEZ ESTHER TRAVÉ	
98.	UNA NUEVA CONTRIBUCIÓN AL ESTUDIO DE LA LOZA BARCELONESA DECORADA EN VERDE Y MANGANESO	900
	CARLOS BOAVIDA	
99.	MEDIEVAL POTTERY FROM THE CASTLE OF CASTELO BRANCO (PORTUGAL)	906
	FRANCISCO MELERO GARCÍA	
100.	POTTERY OF THE NASRID PERIOD OF CÁRTAMA (MÁLAGA)	912

CONSTANÇA GUIMARÃES DOS SANTOS | ELISA ALBUQUERQUE

101. A CAPELA DE SÃO PEDRO DA CAPINHA ATRAVÉS DOS MATERIAIS: A CERÂMICA MEDIEVAL 917

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

102. "TRAÇOS MOURISCOS" NA CERÂMICA DO SÉCULO XV DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE COIMBRA
(MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO) 924

IRYNA TESLENKO

103. CRIMEAN LOCAL GLAZED POTTERY OF THE 15TH CENTURY 928

MARIA JOSÉ GONÇALVES

104. CERÂMICA EM CORDA SECA DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO 934

TEMA: 6

NOVAS DESCOBERTAS
NEW DISCOVERIES

LA CERÁMICA DEL TOSSAL DEL MORO (BENILLOBA, ALACANT). PRIMEROS RESULTADOS DEL ESTUDIO DE LOS FONDOS DEPOSITADOS EN EL CENTRE D'ESTUDIS CONTESTANS

Resumen: En este trabajo queremos presentar los primeros resultados del estudio de los materiales provenientes del yacimiento de El Tossal del Moro, Benilloba, Alicante, realizado en el marco de nuestra tesis doctoral, en la que buscamos intentar caracterizar el poblamiento en época andalusí de la zona de la Vall de Penáguila, dependiente del hisn homónimo.

Los fondos, depositados en el Centre d'Estudis Contestans, provienen de prospecciones y hallazgos casuales, haciendo necesaria la realización de un inventario, aún en proceso. Este pre-análisis sobre una selección de 386 unidades, entre piezas y fragmentos identificables, nos ha permitido, a partir de su comparación con paralelos regionales, identificar al yacimiento como un ámbito de tipo doméstico, posiblemente una alquería de cierta entidad, y datarlo provisionalmente en época califal, en un arco temporal que abarca del siglo X al XI.

Abstract: In this paper I present the first results of the study of the archaeological record of El Tossal del Moro (Benilloba, Alicante Province, Spain). This analysis is made in the framework of my doctoral dissertation, in which I focus on the medieval islamic settlements of the Penáguila Valley that conformed an Islamic district. I analyze a ceramic collection coming from surveys carried out by the Centre d'Estudis Contestans. In this paper, 386 identified pieces are analyzed to approach the functional and chronological characterization of the site. I conclude that El Tossal del Moro was an important alquería (a large rural settlement) dating between the 10th and the 11th century AD.

El yacimiento de El Tossal del Moro se ubica en las inmediaciones de Benilloba, en la provincia de Alicante, España, en un punto de confluencia de caminos de comunicación con el interior de la comarca y con la costa mediterránea. (Fig.1)

Comprende un área denominada como Pla de Petrosa, delimitada al norte por el río Seta, que presenta una elevación de 613m de altitud que da nombre al yacimiento.

El paraje ha sido objeto de prospecciones arqueológicas en décadas pasadas que han dado como resultado la detección de materiales, principalmente cerámicos, que presentan concentraciones mayores en las zonas adyacentes a la base del Tossal, en las laderas sur y oeste, mientras que hacia el sur, se localizan en una quincena de puntos perfectamente diferenciados a lo largo de un área total de unas 50 hectáreas y evidencian la existencia de un asentamiento de cierta entidad, de carácter disperso y laxo, donde las zonas de residencia se alternarían con las de cultivo y que podría tratarse de la población de "Bitraswsa" mencionada por el geógrafo sirio Yáqūt (1179-1229) como núcleo dependiente de Dénia. (Azuar, 1989, 101; Torró,1996, 187) .

Nuestro interés por caracterizar la ocupación de la zona de la Vall de Penáguila , área de influencia del hisn homónimo y objeto de estudio de nuestra tesis doctoral, nos ha puesto en contacto con este yacimiento . Es en este marco en el que se realiza este análisis cuyos primeros resultados queremos presentar.

Los fondos en los que estamos trabajando se encuentran depositados en el Centre d'Estudis Contestans. El 80% del total de la colección proviene de un hallazgo casual, los materiales salieron a la luz en la década de 1980 durante la apertura por medios mecánicos de un camino y fueron rescatados por personal de la institución, un 5% fue donado por particulares y el 10% restante fue recogido en prospecciones arqueológicas realizadas por André Bazzana en el sector conocido como El Camí.

Los materiales se encuentran en buen estado de conservación, limpios, embolsados y almacenados en cajas. No se encuentran inventariados, (a excepción de los aportados por Bazzana), pero si preclasificados con un criterio morfológico-funcional: Se los ha agrupado por tipologías (ollas, atañores, jarras/os, candiles, etc), indicándose, en algunos casos, el sector de procedencia.



Fig.1 Localización del yacimiento del Tossal del Moro. Imágenes del Tossal y del Pla de Petrosa.

Algunas de las piezas más completas han sido restauradas y se encuentran expuestas en las vitrinas del museo que funciona en la institución. Esta parte de la colección fue estudiada por Rafael Azuar Ruiz y publicada en su libro *Denia Islámica. Arqueología y poblamiento* (1989).

En suma, estábamos frente a un colección de gran interés por su volumen e importancia, cuyo estudio se complejiza debido a la carencia de una secuencia estratigráfica a la que relacionar los materiales en razón de su procedencia (recogidas superficiales, hallazgos casuales). Por lo tanto, era de vital importancia como primera medida, la realización de un registro pormenorizado que permitiera cuantificar los objetos.

Contar con un inventario nos permitiría no sólo conocer en profundidad los fondos y ordenarlos, sino poder realizar estadísticas para identificar tendencias y regularidades, información imprescindible para poder luego datarlos, a partir de su comparación con paralelos de yacimientos excavados con cronologías fiables.

Con esa finalidad hemos diseñado un registro en formato Access, inspirado en modelos utilizados en otros yacimientos de cronología medieval.¹

Encabezamos nuestra ficha con los apartados habituales que permiten ubicar el objeto en su contexto: nombre del yacimiento, procedencia (hallazgo casual, prospección, donación), ubicación dentro de la institución (si está expuesta, en almacén, nº de estante, caja, bolsa)

Asignamos un número de inventario para identificar a cada objeto individual, considerando como tales a:

- Todas las piezas cerámicas.
- Todos los fragmentos informes que pueden ser reconocidos como objeto y, en consecuencia, nos aporten algún tipo de información (borde, bases, etc).
- Todos aquellos fragmentos que puedan reconocerse como pertenecientes a una misma forma y que unificamos bajo un mismo número .
- Todos aquellos fragmentos informes que puedan aportar algún tipo de información cronológica por su decoración o acabado (cerámicas decoradas y vidriadas).

Los fragmentos informes no decorados ni asociados a formas, se agruparon bajo un solo registro por cada caja de almacenamiento.

Para los campos de clasificación y descripción hemos decidido tomar como referencia los criterios de sistematización utilizados por Gutiérrez Lloret (1992, 332-338), agrupando las cerámicas en relación a las formas de producción en tres grandes conjuntos:, modeladas a mano, (clasificación que

incorpora las realizadas con torno lento o torneta), en torno rápido y vidriadas.

A partir de allí, intentamos registrar la mayor cantidad de características para lograr una descripción detallada del objeto:

Forma (borde, base, asa, etc)

Tipo (clasificación morfo-funcional, reconoce tipos concretos como ser ollas, jarros, candiles, etc) Sigue la seriación funcional- formal genérica propuesta por Roselló (1978) y Gutierrez (1996).

Pasta (tipo, color, intrusiones)

Acabado (alisado, vidriado, engobado, etc)

Decoración (tipo y descripción)

Particularidades (marcas de fuego, de propiedad, etc)

Dimensiones

Descripción de partes (borde, base, cuello, etc)

Todos los materiales son fotografiados, dibujándose sólo aquellas piezas que presentan rasgos susceptibles de ser tificados.

Actualmente llevamos inventariados 748 unidades, que constituyen un 28% del total de la colección. Hemos seleccionado 386 unidades para esta esta primera aproximación, entre las que contamos con 18 piezas prácticamente completas y 368 fragmentos identificables.

Los primeros análisis estadísticos han mostrado las siguientes tendencias:

En el aspecto tecnológico, hemos observado que casi la totalidad de las piezas han sido realizadas a torno rápido (78%), un 12% son vidriadas y sólo un 10% han sido realizadas a mano y/o torneta.

Con respecto a los aspectos formales y funcionales, hemos comprobado que la mayor cantidad de ejemplares corresponden a cerámica dedicada al servicio de mesa (un 60%) representado por las jarras/os (38%) seguidas de los ataifores (22%) , en segundo lugar se encuentran las de cocina (18%) en su mayoría ollas (13%) a las que se agregan cazuelas (5%), un ejemplar de anafe y tres fragmentos de tannur. En menor número encontramos las dedicadas al almacenamiento (7%), orzas y un reducido número tinajas. Las destinadas a otros usos domésticos representan el 10%, siendo mayormente candiles y un reducido número de tapaderas. No hemos encontrando de momento piezas relacionadas con actividades no domésticas como por ejemplo arcaduces.

¹ Agradecemos la colaboración de los equipos que trabajan en los yacimientos del Tolmo de Minateda, La pobla Medieval de Ifach y El Castellar de Alcoy, que han puesto a nuestra disposición sus bases datos y su experiencia y a los que hemos consultado para la elaboración de nuestra ficha de registro, en especial a Germán Botí , que se encuentra analizando los materiales de El Castellar de Alcoy ,ubicados dentro del mismo marco geográfico y cronológico de nuestro yacimiento.

CERÁMICA DE COCINA

Serie 1 *Ollas*: Se han documentado 8 formas diferentes, algunas con variantes, realizadas a torno.

Presentan pastas bizcochadas de colores naranjas y pardos, presentándose algún ejemplar gris, con desgrasantes de tipo calizo de tamaño medio y fino. Las superficies externas tienen señales de fuego. En general suelen tener forma globular, bordes salientes, cuellos cóncavos verticales o ligeramente salientes, con un desarrollo de unos 5cm. Las bases conservadas son planas o ligeramente convexas y su diámetro tiene entre 10 a 15cm, al igual que las bocas, que suelen oscilar entre esas medidas. Casi todos los tipos presentan doble asa cinta vertical, variando el punto de inserción superior, que puede ubicarse en hombros, cuello o boca. La altura total de los ejemplares completos oscila entre los 15 a los 20 cm. Las diferencias más importantes entre los ejemplares radican en la forma de los bordes, y en lo acentuado del perfil, es decir, en la posición de la carena y en la relación entre los diámetros máximos de borde, cuello y cuerpo.(Fig.2)

Serie 2. *Cazuelas*. Distinguimos 6 formas diferentes, todas realizadas a mano y/o torneta. Presentan pastas bizcochadas rojizas, rosadas y pardas con desgrasantes de tamaño medio. La superficie externa muestra señales de haber sido expuesta al fuego. La forma tiende a ser troncocónica o cilíndrica y la base plana. El diámetro de la boca suele rondar los 20cm y el alto total de la pieza los 10cm. En uno de los ejemplares puede verificarse la presencia de asas en forma de lengüeta.

Serie 7. *Tannur*. Contamos sólo con tres fragmentos de borde, realizados a mano, de 35 a 40cm de diámetro, con labio engrosado doble y con el interior ennegrecido por la exposición al fuego. La pasta es bizcochada, de cocción alterna, con desgrasante mineral abundante de tamaño medio a grande. En la cara exterior presentan una decoración plástica a modo de cordón con digitaciones.

Serie 8 *Anafe*. Está representado por un solo ejemplar, ejecutado a mano. La pasta es bizcochada, de color pardo y con abundantes desgrasantes minerales, blancos y de tamaño medio y grande. Tiene forma cilíndrica con base plana y borde recto con una especie de orejas, posiblemente para colocar un asa metálica. Presenta señales de fuego en el interior. La boca tiene 14cm de diámetro y la altura total es de 8cm.

CERÁMICA DE SERVICIO DE MESA

Serie 3. *Ataifores*. Los ataifores son unos de los grupos que más diversidad presenta. Tenemos formas asociadas a modelado a mano, a torno y vidriadas.

Distinguimos 5 formas entre las modeladas a mano, son pastas bizcochadas pardas y rosadas. El cuerpo puede ser troncocónico o semiesférico y la base plana. El diámetro de la boca oscila entre los 20 a 25 cm. Un solo ejemplar tiene decoración de tipo incisa en el labio.

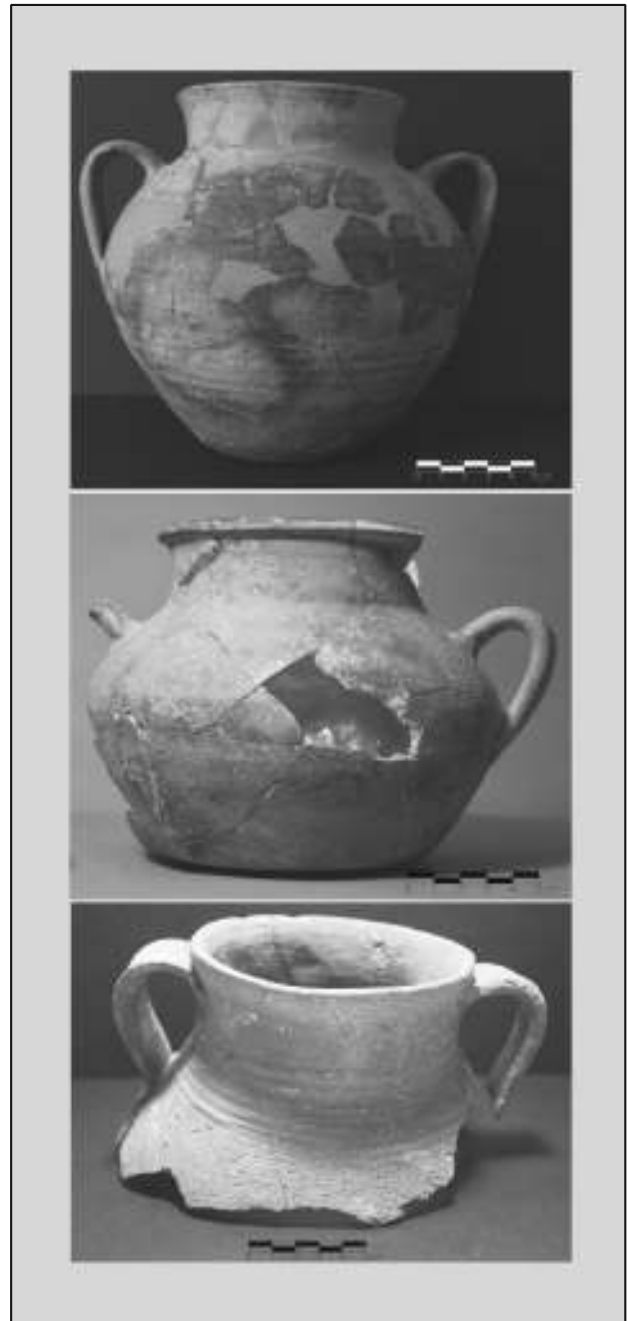


Fig.2 Tres ejemplos de ollas.

Las modeladas a torno presentan 5 formas diferentes. Son piezas de pastas compactas, anaranjadas. Los perfiles tienden a ser troncocónicos más o menos exvasados y las bases planas. El diámetro del borde oscila entre los 18 y los 25cm, el de las bases entre 7 y 10cm y la altura total ronda los 10 cm.

Están pintadas con óxido de hierro y los motivos son, en todos los casos, filetes rectos paralelos al borde de pincelada fina, ubicados en el interior de la pieza y en el borde.

Encontramos 5 formas en las vidriadas, cuya pasta es compacta y oscila entre los tonos crema y grises y los rojizos y naranjas. Suelen ser piezas de unos 5cm de altura y 20cm de diámetro del borde. El perfil es convexo y exvasado y la base es plana o con un repie anular. Son todas piezas decoradas,

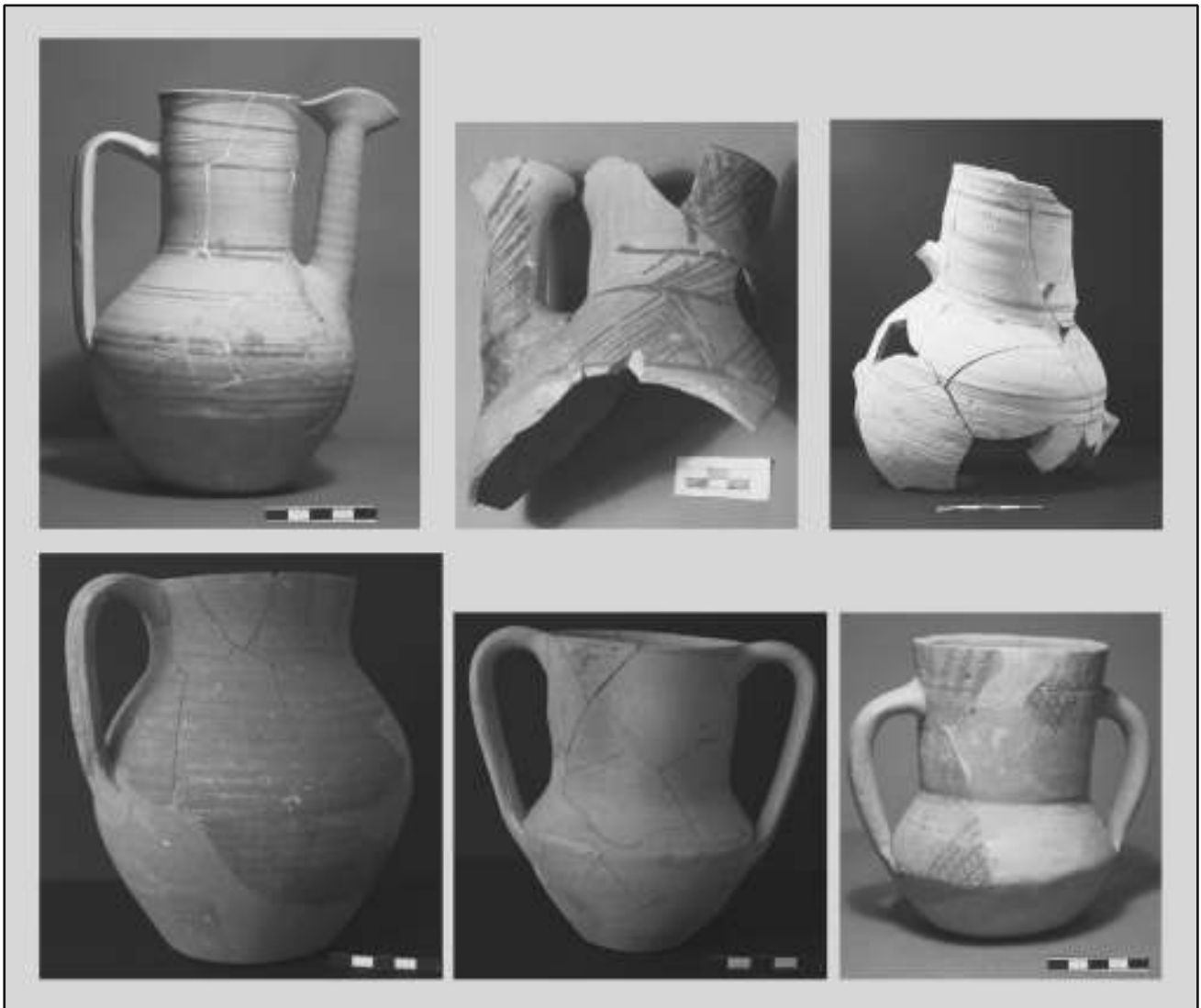


Fig.3 De izquierda a derecha, fila superior dos ejemplares de aguamanil, jarro, fila inferior jarra y dos jarritos .

con motivos en negro sobre melado, verde sobre blanco, verde sobre amarillo, verde y negro sobre melado, verde y manganeso sobre blanco que se concentran en el interior de la pieza. El exterior está cubierto de un vidriado monocromo.

Serie 4. *Jarralo* Es el grupo mejor representado, con gran cantidad de ejemplares muchos de ellos casi completos y con una gran diversidad formal.(fig.3) Las pastas son en general bastante depuradas, de color anaranjado, rojizo o pardo , encontrando algunas producciones en color crema .

Prácticamente la totalidad se encuentra decorada, pintadas en óxido de hierro.

Dentro de la serie se diferencian varios subgrupos:

- de boca ancha sin pico vertedor, cuerpo con tendencia ovoide, algunos con la carena bastante baja, cuello cilíndrico y alto, borde recto o ligeramente saliente, labio convexo. Pueden tener una o dos asas. El diámetro de la boca es de unos 10cm, igual que el de la base, la altura total ronda los 15cm. Destinado a recipiente para beber.

- de boca ancha o media, cuerpo globular, cuello cilíndrico y alto, borde recto o ligeramente saliente. Tienen dos asas con la inserción superior en la parte baja del cuello y la inferior en la carena. El diámetro de la boca es de entre 6 a 10cm, la base de 10cm y, aunque carecemos de piezas completas, estimamos que la altura rondaría los 20cm. Algunos fragmentos, parecen pertenecer a ejemplares de mayor tamaño (cántaros).

Tienen paredes mas gruesas y asas de mayor sección . Estimamos que la pieza completa podría medir unos 40cm de altura.

- de boca ancha con pico vertedor, perfil en S, borde saliente, cuello ancho, cuerpo de tendencia esférica y base plana. Tiene un asa de cinta vertical. La boca tiene 11.5cm de diámetro, la base 8cm, el diámetro máximo es de 15cm y la altura total es de 18cm.Se utilizaría para escanciar líquidos.

- de boca ancha, borde recto, cuello largo, cuerpo globular y base plana. De los hombros de la pieza arranca un pitorro o vertedor paralelo al cuello que termina en un pico trebolado. Tienen un asa de cinta vertical. El diámetro del cuello es de 8



Fig.4 Tres ejemplos de orza, el fragmento de la derecha se encuentra recubierto de un vidriado color verde.

a 10cm como el de la base .El diámetro máximo oscila entre los 12 y los 16cm y la altura es de unos 25cm. Se lo conoce también como aguamanil.

- de perfil en S, boca ancha, borde saliente, cuello bajo, cuerpo globular. Tiene también un pitorro o vertedor que arranca de los hombros de la pieza que forma un ángulo de 45° con respecto al cuello. Tiene asa de cinta vertical. El ejemplar mide 10cm de boca. Su función es servir líquidos

- de boca estrecha y cuello largo y angosto y cuerpo marcadamente globular.

CERÁMICA DE ALMACENAMIENTO

Serie 5 *Orza*. Se reconocen 6 formas, de las cuales 4 ejecutadas a torno y dos vidriadas. Presentan pastas bizcochadas bastante compactas de colores anaranjados, grises y pardos, forma globular, cuellos de perfil cóncavo vertical de poco desarrollo (de 3 y 5cm) y bordes ligeramente salientes.

El diámetro de la boca mide entre 10 y 12cm y la base unos 9cm. La altura total de la pieza es de unos 20 cm. Algunas formas tienen dos asas de cinta verticales. Suelen tener decoración pintada, filetes rectos horizontales de trazo medio y fino en cuello y hombros. Las vidriadas presentan cubiertas monocromas meladas o verdes tanto en el interior como en el exterior. (fig.4)

Serie 6. *Tinaja*. Las formas pertenecientes a estos contenedores de gran tamaño, son escasas y carecemos de ejemplares que nos permitan recomponer un perfil completo. Sólo contamos con algunos bordes y el tercio inferior una pieza a partir de lo que estimamos una altura total de unos

50-60cm. El diámetro de la boca es de 20cm . Las pastas son bizcochadas de color naranja y las paredes tienen un notable espesor

OTROS USOS DOMÉSTICOS

Serie 9 *Tapadera*: Contamos con 3 ejemplares incompletos, de pastas color anaranjado o crema, bastante compactas y depuradas con desgrasantes pequeños. Dos son planas, la de mayor espesor (1cm a 1,5cm) presenta un perfil ligeramente abombado en la cara superior y un diámetro de 16cm, la más delgada (6mm de espesor), tiene un diámetro de 13cm, es ligeramente exvasada y tiene señales de fuego en ambas caras. De la tercera sólo se conserva el tercio central de la pieza, con un diámetro máximo de 6.5cm, forma cónica y el perfil con un relieve. Probablemente tendría pie anular de engarce y pomo superior.

Serie 10. *Candiles*. Se caracterizan por tener piqueta larga, de menor diámetro que el recipiente, cazoleta bitroncocónica con la carena marcada, chimenea del mismo alto que la cazoleta y un asa .(fig. 5) El diámetro de la boca es de unos 4cm, el de la carena es de 7,5cm y la altura total es de 7cm, las piquetas suelen tener unos 5 a 7cm. Las pastas suelen ser bizcochadas, color naranja aunque hay algún ejemplar color crema con desgrasantes minerales de tamaño medio y blancos.

DECORACIÓN

Con respecto a la decoración , hemos observado que más de la mitad de las piezas se encuentra decorada (67% del total), tanto las formas abiertas como cerradas.



Fig.5 Candiles. Un ejemplar completo (restaurado) y tres fragmentos donde se pueden apreciar los motivos decorativos pintados más frecuentes.



Fig.6 De izquierda a derecha. Fila superior: Seis ejemplos de decoración pintada en óxido de hierro, motivos más frecuentes aplicados sobre formas cerradas (jarras/os). Fila inferior: decoración en relieve sobre un tannur, decoración incisa sobre olla, cuello y asa de jarra decorado en óxido de manganeso. Figura mayor ubicada a la derecha: fragmento de aguamanil decorado en óxido de hierro.

Atendiendo a la técnica, las más frecuentes son piezas pintadas seguidas de las vidriadas.(fig.6)

La decoración *pintada* (fig.6) es la más común (71%), ejecutada principalmente en óxido de hierro, con un sólo ejemplar en óxido de manganeso y con una tendencia a las pinceladas finas y medias (hasta 5mm de grosor). Se aplica en la vajilla de mesa y frecuentemente en la de almacenamiento. En las formas cerradas se concentra en bordes, cuello, hombros y parte superior del cuerpo. Los motivos son geométricos, principalmente filetes rectos horizontales, filetes diagonales, triángulos reticulados o rayados, aspas entre metopas y filetes rectos verticales que pueden estar rellenos con líneas onduladas y en algún caso flores de loto. En las formas abiertas, siempre son líneas paralelas al borde de la pieza, aplicadas sólo en la cara interior.

Las piezas *vidriadas* conforman el segundo grupo más frecuente, con el 17%. Pueden ser vidriados monocromos (verdes, melados o blancos) o con aplicación de color (negro

sobre melado, verde sobre blanco, verde sobre amarillo, verde y negro sobre melado, verde y manganeso sobre blanco). El vidriado monocromo suele encontrarse en ataiques y orzas, y en un sólo caso, en una jarra. La aplicación de color sobre vidriado se da únicamente en ataiques. El motivo más recurrente es la representación de ovas a intervalos regulares en los bordes, a veces rellenas. En los centros de las piezas hemos encontrado líneas ondulantes, ajedrezados, trenzados, hojas, cartelas rectangulares con bordes ligeramente curvados y flores de loto,

Hay un único ejemplar decorado en *cuerda seca*, aparentemente total, un fragmento de ataique con una representación de hojas de hiedra. (fig.7)

La decoración en *relieve* (2%) consiste en cordones, propios de los grandes recipientes como la tinaja o el *tannur*, que deben modelarse por partes. Tienen una función práctica: sirven como refuerzo de las uniones. Suelen tener motivos impresos, tales como digitaciones o impresiones ovaladas. (fig.6)

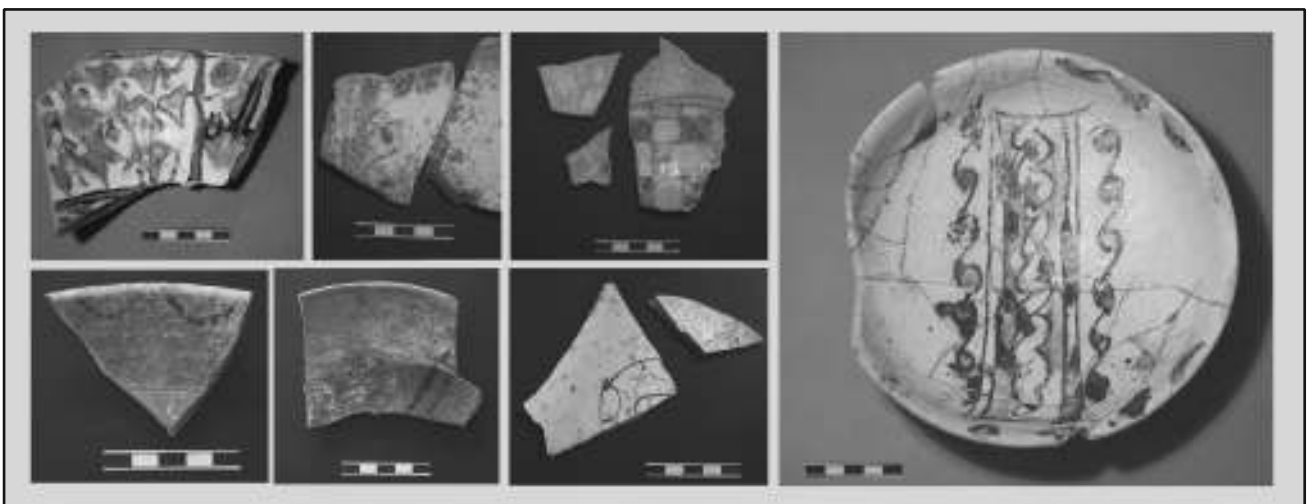


Fig.7 Fragmentos de ataique vidriado. Fila superior, un fragmento de cuerda seca, dos fragmentos de verde y manganeso sobre blanco. Fila inferior: dos fragmentos de verde sobre amarillo, un fragmento de manganeso sobre blanco. A la derecha: ataique casi completo decorado en verde y manganeso sobre blanco con motivo de cartela central con guirnalda a ambos lados y perímetro de ovas en el borde.

Encontramos también *impresiones* en los bordes de dos piezas, una cazuela y una tinaja, en forma de hendiduras oblicuas.

Los *motivos incisos* (2%) aparecen decorando ollas, en forma de líneas rectas y peinados rectos y ondulados ubicados en los hombros, al igual que los *acanalados* (7%) muy frecuentes también concentrados en cuellos, hombros o cuerpo. (fig.6)

CRONOLOGÍA

Una primera comparación de las formas cerámicas y de los motivos decorativos, principalmente de los vidriados, con las propuestas de evolución de tipologías presentadas en estudios realizados en la región (Bazzana, 1983; Menendez Fueyo, 2004, Azuar Ruiz, 1989, Gutierrez Lloret 1992, Botí, 2008) nos permitiría encuadrar al conjunto de los materiales dentro de un arco temporal que abarca desde el siglo X al XI. Las formas cerámicas, por frecuencias y tipologías, pertenecen inequívocamente a un ámbito doméstico, lo que unido a su cronología hace de El Tossal del Moro un interesante ejemplo de alquería de época temprana, si bien resulta prematuro establecer su morfología espacial y funcional en ausencia de excavaciones en extensión.

BIBLIOGRAFÍA

- AZUAR RUIZ, R., 1989: *Denia Islámica. Arqueología y poblamiento.*, Alicante.
- BOTI, G., 2008: “La cerámica a mano y/o torneta de El Castellar (Alcoi, Alicante)” *Lucentum* ,26, 191-198, Universidad de Alicante.
- GUTIERREZ LLORET, S. 1992. *El tránsito de la antigüedad tardía al mundo islámico en la Cora del Tudmir: Cultura material y poblamiento paleoandalusí.* Tesis doctoral. Repositorio de la Universidad de Alicante.
- MENENDEZ FUEYO, J. 2004: “La cerámica de la Rábita Califal” en AZUAR RUIZ, R. *El ribat califal. Excavaciones y estudios (1984 – 1992)*, 89-130 Casa de Velazquez, Madrid
- ROSELLÓ BORDOY, G., 1978. *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe de Mallorca.* Palma de Mallorca
- TORRÓ I ABAD, J. Y FERRER, P., 1996: “La sociedad andalusí (II)”, en M. SAEZ, *Historia de L’Alcoia, el Comtat y la Foia de Castalla*, 181-192, Alicante